"JOÕES-SEM-TERRA EM FUGA": A IDEIA DE "SERTÃO" EM *MADONA DOS PÁRAMOS,* DE RICARDO GUILHERME DICKE

Maiky da Silva (UEFS)
Alana de Oliveira Freitas El Fahl (UEFS)

Resumo: Este artigo analisa a presença da ideia de "sertão" orquestrada narrativamente pelo escritor brasileiro Ricardo Guilherme Dicke (1936 – 2008), no romance *Madona dos Páramos*, publicado em 1982. A partir de uma abordagem que considera os desdobramentos históricos da ideia de "sertão", compreendemos como o romance toma a forma de um empreendimento narrativo que reflete a própria problemática da noção de sertão na história sociocultural brasileira. Assim, é possível visualizar no texto de Dicke, como a ideia de sertão é tomada em termos literários que apontam para uma possibilidade de interpretação do sertão como um espaço, principalmente, simbólico. Isso porque a noção de "sertão" é retomada, no romance, não só enquanto denotação de espaço, mas, além disso, é explorada de forma a ser possível assinalar uma dimensão discursiva, intrínseca à história do "sertão" e agenciada na escrita do autor mato-grossense. A pesquisa aqui apresentada, de natureza bibliográfica e qualitativa, foi desenvolvida tendo em vista os estudos realizados por Amado (1995), Lima (1999), Moraes (2003), Vicentini (2007) e outros autores.

Palavras-chave: Sertão. Literatura. Ricardo Guilherme Dicke.

Abstract: This article analyzes the presence of the idea of the "sertão" (backlands) narratively orchestrated by Brazilian writer Ricardo Guilherme Dicke (1936–2008) in his novel Madona dos Páramos, published in 1982. Based on an approach that considers the historical developments of the idea of the "sertão," we understand how the novel takes the form of a narrative undertaking that reflects the very problematic nature of the notion of the sertão in Brazilian sociocultural history. Thus, it is possible to see in Dicke's text how the idea of sertão is taken in literary terms that point to a possibility of interpreting sertão as a primarily symbolic space. This is because the notion of "sertão" is taken up in the novel not only as a denotation of space, but also explored in such a way as to highlight a discursive dimension intrinsic to the history of the "sertão" and articulated in the writing of the author from Mato Grosso. The research presented here, which is bibliographic and qualitative in nature, was developed based on studies conducted by Amado (1995), Lima (1999), Moraes (2003), Vicentini (2007), and other authors.

Keywords: Sertão. Literature. Ricardo Guilherme Dicke.

1 Introdução

Madona dos Páramos, publicado em 1982, é um dos títulos principais da vasta produção do escritor brasileiro Ricardo Guilherme Dicke (1936 – 2008). O romance narra a trajetória do grupo de personagens que Dicke chamou de "bandidos metafísicos": onze homens que fogem de uma prisão situada em Cuiabá, cidade do estado de Mato Grosso. Foragidos da Justiça, eles percorrem o sertão mato-grossense, todos unidos na busca em comum da Figueira-Mãe, uma espécie de terra prometida na qual os foragidos encontrariam um espaço seguro e

pacífico para se refugiarem. Em um dos empreendimentos do bando de foragidos, uma mulher, "a moça sem nome", é sequestrada e forçada a conviver com o bando, tornando-se assim um ponto de tensão na vida do bando. Dessa forma, a narrativa se desenvolve a partir da narração das histórias sobre os personagens do grupo, enquanto percorrem o sertão apresentado por Dicke.

O sertão surge e se desenvolve no texto de forma a ocupar uma posição bastante significativa na interpretação do romance. Assim, *Madona dos Páramos* está inserido em uma tradição de romances brasileiros que reivindicaram a ideia de "sertão". Essas obras, consequentemente, desenharam para o imaginário nacional imagens e significados sobre como definir e descrever "sertões". Veremos, pois, que no romance de Dicke há uma proposta do autor a respeito do "sertão", um "sertão mato-grossense", esta que é desenvolvida a partir da interação das figuras dos "bandidos metafísicos" na — e com a — paisagem, enquanto procuram pela Figueira-Mãe.

2 O sertão evocado em *Madona dos Páramos* (I)

É logo no início do romance, em sua primeira página, que adentramos no sertão apresentado pelo narrador de Dicke:

> Olhou, não viu ninguém a ouvi-los. Não tinha importância, sabia demais perdoar. Eram fins das mediações de Nossa Senhora do Livramento, onde, os caminhos chegados da cidade grande, tudo vai virando devagar, sertão. Nem se nota, quando as ruas civilizadas se tornam o sertão mais brabo, debaixo das nuvens. Ele, rumo dos tuaiás. Onde era o tuaiá? Os inícios das coisas, ninguém sabe, apenas se sabe quando já se está no meio, mediações (Dicke, 1982, p. 9).

É interessante notar como, já em sua primeira aparição, o sertão é introduzido no romance em uma construção textual que aponta subliminarmente para incertezas geográficas sobre aquele espaço que o configuraria como uma localidade ou região. No trecho acima, é possível notar como, diferente da experiência de se chegar a um espaço delimitado por categorias espaciais específicas e, portanto, reconhecíveis em algum grau (como é a experiência de chegar a uma cidade, por exemplo), a entrada no sertão é narrada sob um véu de mistério.

Para visualizar melhor isso, basta que imaginemos esse procedimento aplicado ao caminho narrativo contrário; basta que imaginemos esse narrador descrevendo a chegada à cidade de Nossa Senhora do Livramento, e concluiremos que dificilmente ele construiria frases sobre a incerteza de onde começa e onde termina a cidade mato-grossense. As cidades, no

romance, aparecem como lugares opostos ao espaço chamado “sertão”; quase como se, a partir da certeza delas, fosse possível afirmar sobre o sertão:

> Sabes do sertão? E onde é o sertão? Por aqui tudo, que aqui não é São Paulo, nem Rio de Janeiro, nem mesmo Cuiabá, nem cidade grande nenhuma próxima, nem pequena sequer, ainda, e só aqui mesmo, em nenhum outro lugar, não senhor, por enquanto, aqui do sertão, aqui-d’el-rei, sim senhor, do que ficou e do que sobrou de tudo: sertão, sabes? São as geometrias e a música de antes, não sei se o senhor me compreende: o que permanece com perseverança conservando as memórias que o lucro e a ganância vão engolindo. O coração (Dicke, 1982, p. 389).

A partir das falas dos personagens, bem como da voz do narrador, a vivência no sertão é imposta ao leitor, através de um persistente véu de mistério acerca da identidade e da localização real desse espaço chamado de “sertão”. O que acontece é que a ideia toma o lugar da incerteza geográfica; e o que se implica como questão a partir disso, então, é compreender mais a filosofia dessa ideia que, de fato, qualquer certeza sobre aspectos espaciais:

> [...] mas olha, é tudo o que eu posso te dar, que eu trouxe do mundo até este sertão: algo entre o silêncio e a música, sabe?, aqui é o sertão, ou não é, dirão que o sertão são outros lugares, e no sertão a música é misturada ao silêncio, ela tende a se desfazer nas tenuidades do silêncio, não tenha receio de coisas que não existem, levanta-o na mão direita e sopra-o variando os tons, com a doce e alegre selvagem intenção de criar, na intenção está tudo, e quem cria mistura o nada com o tudo, o ser com o não-ser [...] (Dicke, 1982, p. 413).

Essa incerteza do lugar, no romance, pode ser observada, por exemplo, quando os personagens questionam a localização onde eles estão inseridos. Inicialmente, a busca pelo sertão, ao que parece, apresenta-se como um problema para os personagens:

> — Não vejo nada igualmente.
> — Mas ninguém de nós não vê, não nos assuste, apois.
> — Nos perdemos, gente, Jeová é o Senhor.
> — Aqui é o Sertão, gente?
>
> — Isso é lá hora de se perguntar se cá é o Sertão, Caveira? O Sertão é tudo, principalmente no coração da gente. O sertão é tudo longe do mar, muito longe, quanto mais longe do mar, melhor (Dicke, 1982, p. 202).

O trecho acima exemplifica como o romance, mesmo em um diálogo onde o que se indaga é “onde se está”, em uma necessidade de ordem prática de localização espacial por parte de seus personagens, envereda por uma discussão que atribui outra dimensão à pergunta. A ideia do sertão “ser tudo” ou estar “no coração da gente” são declarações que lançam o significado da pergunta em um jogo de espelhos no qual ela perde o caráter de busca por uma resposta única. É como se o romance impusesse aos personagens a noção de sertão não mais como mera

localização geográfica, mas como um problema filosófico; como se não bastasse saber se está ou não no "sertão", mas como se fosse necessário entender o significado do próprio estar ou não no sertão, e, consequentemente, o que seria esse sertão:

> — Já morreu a peste.
> — Morreu nada, seu…
> — Entonces é veneno que lhe dá esse motor.
>
> — Quem é desconhecido de sabenças que ouça: só o sertão é sabença, o resto são futrerias, e o sertão é por onde? Dentro e fora da gente, saibam bem… (Dicke, 1982, p. 73).

3 O sertão na história cultural: breves apontamentos

Como foi afirmado na seção anterior, o romance de Dicke nos apresenta uma ideia de sertão. "Ideia" porque a palavra "sertão" denota, em termos atuais, muito pouco sobre uma precisão geográfica. Antes, aponta com maior ênfase para a própria história do termo, ou seja, ao passo que nos ajuda a entender a relação da nossa História, enquanto povo brasileiro, ela também nos auxilia no entendimento do significado do termo na História do país.

As historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Murgel Starling explicam, em *Brasil: Uma Biografia*:

> "Sertão" é termo usado já por Caminha, denotando o vasto e desconhecido interior da colônia, longe do mar. A partir do século XV, com a expansão, a palavra (antes empregada para designar áreas situadas em Portugal mas distantes de Lisboa) passou a nomear espaços sobre os quais pouco ou nada se sabe. Com o tempo, porém, a nomenclatura demarcaria um espaço simbólico, mais que um lugar geográfico. "Povoado" era a região "ordenada pela Igreja católica", "sertão" era o local da falta e da ausência de ordem (Schwarcz e Starling, 2015, p. 47).

A ideia de "espaço simbólico", assinalada pelas autoras, aponta para como, a partir de um certo momento na história nacional, não era mais possível entender a palavra "sertão" apenas como uma referência pura de um determinado lugar ou região. Embora seja compreendida como palavra referente a espaços concretos — basta que lembremos do "sertão nordestino", "sertão mineiro" ou ainda "sertão mato-grossense" — a ideia de sertão, no entanto, se estabelece hoje como uma denotação de ordem muito mais discursiva que geográfica. No plano geral de nossa identidade brasileira, definir o que de fato é o sertão se transformou em uma questão bastante complexa, que os mapas não podem tão facilmente resolver.

O geógrafo e cientista social brasileiro Antonio Carlos Robert Moraes explica bem essa problemática:

> O sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares. Trata-se de um símbolo imposto – em certos contextos históricos – a determinadas condições locacionais, que acaba por atuar como um qualificativo local básico no processo de sua valoração. Enfim, o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica: uma ideologia geográfica. Trata-se de um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes neste processo. O objeto empírico desta qualificação varia espacialmente, assim como variam as áreas sobre as quais incide tal denominação (Moraes, 2003, p. 05).

Tendo isso em vista, um ponto importante a ressaltar é o de que a ideia de sertão ocupa, na história brasileira, uma relevância emblemática no que se refere às tentativas de composição e interpretação sobre uma identidade nacional. Projetada como uma oposição ao litoral, a ideia de sertão se desenvolveu em seu significado também a partir desse contraste. Logo, "sertão" foi tido, muitas vezes, como aquilo que estava longe do litoral, sendo, então, o espaço longínquo, distante. Isso teve — e permanece tendo — reverberações na composição do sertão como uma "ideologia geográfica", já que essa oposição se estrutura em uma comparação que acarreta características distintas a elementos diferentes: sertão e litoral.

De qualquer forma, como é perceptível, o sertão, enquanto ideia, foi composto a partir de um panorama que é, principalmente, político. Esse fator é explorado pela socióloga e cientista social brasileira Nísia Trindade Lima, em seu livro *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional,* obra na qual possibilita pensarmos o sertão como ponto importante de debate nas teorias interpretativas sobre o Brasil. Lima explica:

> No caso brasileiro, a representação do processo de *nation-building* apresentou como um dos seus eixos centrais o dualismo entre o litoral e o sertão presente em toda uma tradição de estudos que teve como objeto o homem das regiões interioranas – quer este fosse identificado como sertanejo, caboclo ou caipira (Lima, 1999, p. 14).

Nísia Trindade Lima também deixa claro que, para além de perceber a existência dessa dualidade, é preciso compreender o significado dessa oposição:

> Sertão e litoral podem ser vistos como imagens espaciais e simbólicas que guardam estreita relação com esta ideia de dois tipos de ordem social. Aqui, o contraste ocorreria não entre as formas distintas e historicamente sucessivas, mas pela justaposição de épocas históricas, numa sociedade em que, como acentuou Roger Bastide (1978), a geografia não se separa da história (Lima, 1999, p. 22).

Assim, no sentido de serem "imagens espaciais e simbólicas", sertão e litoral passaram a significar muito além de um fator de localização, e adquiriram, principalmente quando postos em conflito, um caráter em comum que promove sentidos e significados sobre as leituras que o próprio Brasil fez de si. De qualquer forma, para que isso seja compreendido, é necessário um olhar atento às investigações sobre como se deram, e como ainda se desenvolvem, os processos de composição e de interpretação dos materiais discursivos que retomam o sertão — e, muitas vezes, consequentemente, o litoral — como essas "imagens espaciais e simbólicas".

É nesse contexto que a literatura aparece como fonte de forte expressão sobre toda essa discussão. Encontramos na literatura brasileira uma vasta galeria de obras que contemplam em seu escopo, se não a discussão, a referência ao sertão. Considerando o que foi afirmado anteriormente de que o sertão se tornou um ponto de debate importante nos estudos sociológicos que discutiam a formação de uma identidade brasileira, é presumível que esse debate impactaria não só a literatura, mas toda a cultura nacional. É o que explica Janaína Amado:

> "Sertão" tem estado presente em outras artes como a pintura, o teatro, o cinema e, em especial, a música e ocupado espaços amplos nos meios de comunicação, antigos e atuais: em revistas, jornais, rádios e também na televisão, onde tem inspirado programas humorísticos, casos especiais e diversas novelas. Talvez nenhuma outra categoria, no Brasil, tenha sido construída por meios tão diversos. Talvez nenhuma esteja tão entranhada na história brasileira, tenha significados tão importantes e variados e se identifique tanto com a cultura brasileira (Amado, 1995, p. 147).

Essa presença possui tamanha força, que encontraremos na história brasileira o uso do sertão e da figura do sertanejo de maneiras diversas. Muitas vezes, inclusive, realizadas culturalmente de maneiras problemáticas e esvaziadas de qualquer significação crítica sobre uma realidade social. O que nos leva, novamente, ao ponto onde encaramos o grau de complexidade discursiva no qual está incluído o sertão, e tudo que o envolve.

A pesquisadora Albertina Vicentini traz contribuições a essa discussão quando explica que o sertão costuma ser pensado a partir de uma diversidade de sentidos, tendo em vista uma ideia inicial sobre ele, em que é caracterizado como um espaço outro, distante, longínquo:

> Há o sentido espacial – o sertão é o interior longínquo e despovoado, ou povoado por uma raça mestiça, ou o *locus amoenus* das bucólicas greco-romanas; o sentido econômico – o sertão mantém uma economia distante da economia da metrópole e do litoral, agrária e subdesenvolvida em face da economia industrial e mais desenvolvida da metrópole; o sentido social – o sertão mantém outro tipo de associação de membros, uma associação mais comunitária, outro tipo de usos e costumes; [...] o sentido psicossocial, na

> perspectiva da antropologia – o sertão detém um universo psíquico mais ritualizado, com formas de pensamentos mais míticas e agônicas; o sentido histórico – o sertão detém a chave de nossa origem histórica típica e genuína [...] e o sentido do imaginário propriamente falando – quando o sertão avulta como local de vida heroica ou trágica, de vida salutar e genuína, ou de vida identitária (Vicentini, 2007, p. 189).

A importância de entender o exposto por Vicentini está no fato de que muitos objetos da cultura foram, e são, ainda na contemporaneidade, construídos tendo em vista uma abordagem que se desenvolve a partir não só de um dos sentidos por ela assinalados, mas também a partir da mistura deles. Nisso talvez resida um dos fatores ligados a uma literatura, ou melhor, a projetos literários que se pretendem representativos demais e acabam se realizando apenas como caricaturais, quando desconsideram a complexidade que há na intenção de "retratar" a realidade. Assim, na intenção anunciada de revelar um espaço, uma região, em uma atitude de produção e execução muitas vezes "ingênua", esses objetos culturais acabam por perpetuar retratos frouxos, que são mais apelos discursivos sobre imagens do imaginário (ou dados ditos como "da tradição"), do que, de fato, um empreendimento cultural no sentido de interpretação de espaços com existências sociais próprias.

A palavra "tradição" toma um peso expressivo nessa discussão, visto que a noção de "sertão" também carrega o sentido de ser um espaço que mantém, incólume, alguma espécie de vida específica, essencializada em uma coleção de imagens recorrentes. Esse arcabouço de ideias sobre o sertão, muitas vezes, é o que serve de fonte para as produções que tomam a noção de sertão em seus processos de produção, como se esse fosse um conglomerado imutável de imagens e ideias. Assim, a ideia estereotipada de um sertão nordestino, por exemplo, é retomada incansavelmente, nos mais diversos objetos culturais, do passado e do presente. No entanto, quantos desses objetos foram construídos a partir de um exame realmente investigativo sobre esse espaço chamado "sertão nordestino"?

Junto a isso, há a problemática de que o sertão é tomado, muitas vezes, como objeto de inspiração, investigação e especulação, por sujeitos outros que não viventes desses espaços. O problema pode surgir quando, a partir dessa posição de outro, o sertão é tomado como noção a favor das ideias, do imaginário, da vontade desse outro, e não como uma noção pulsante de ideias caracterizadas sobre os sujeitos viventes desses lugares. Pois quando se fala do sertão, frequentemente está no encalço dessa ideia a figura de sertanejos, que não são figuras desenháveis à disposição especulativa de artistas ou intelectuais, mas sujeitos viventes em uma complexidade geográfica e histórica; e, portanto, viventes de uma realidade dinâmica, mutável.

Sobre isso, o doutor em antropologia social Bruno Goulart Machado Silva explica:

> Sertão é muito mais uma categoria sobre a qual se pensa *a partir*, do que *sobre*. O nativo dificilmente estranha o sertão. [...] O sertão é uma confluência de discursos, um fluxo interminável de representações, que classifica as regiões que ocupa, pois "é a própria condição de periferia que constitui a região como fenômeno" (Sena e Lima, 2005, p.36). Regionalizar pessoas, lugares, expressões artísticas é forma de subalternizar, depreciar, marcar a ferro com o viés da negatividade, do agônico. A região é expressão do atraso, do particular, do imutável, enquanto o moderno é universal, dinâmico. Mas a ideia que se tem do tradicional como imutável, como preservador mimético de práticas culturais, é forma de instituir o tradicional negando dinâmica aos processos sociais e identitários vistos como arcaicos. E ao negar essa dinâmica, nega-se voz política ao "atrasado" em favor da hegemonia do que foi chamado anteriormente de identidade-norma (Machado Silva, 2014, p. 06).

Assim, não é incomum que encontremos, no caso da literatura, diversas obras que se pautam em abordagens questionáveis sobre a complexa relação entre a experiência do que existe e a estetização dessa existência. Uma determinada região, composta por uma sociedade com sua cultura e modos de vivência, não se estabelece como uma organização simples em seus aspectos fundantes e de desenvolvimento contínuo. As maneiras de narrar uma região estarão sempre ligadas às operações complexas constantes no próprio processo de formulação de narrativas sobre ela. Ao problematizarmos a proposta de uma literatura que se viabiliza a partir de imagens estereotipadas e permanentes sobre uma determinada região, estamos apontando para o fato de que a realidade não é servil a uma interpretação única sobre ela, assim como não se estabelece perene em uma determinada forma de ser representada.

É preciso ressaltar, então, os estereótipos criados culturalmente nos objetos artísticos sobre certas figuras e regiões, porque esses estereótipos influenciam no panorama geral de como um povo nacional se compreende em sua coletividade. Por outro lado, na condição de serem apenas imagens fomentadas pela repetição de discursos, esses dados não comunicam realmente sobre a identidade daqueles a quem se referem. Assim, ao passo que entender a literatura como veículo de compreensão da realidade aponta para uma postura crítica quanto à arte literária, uma receita regionalista "ingênua", no entanto, tende a dar uma fôrma incompetente a qualquer projeto ficcional. É cabível, pois, entender que certos romances, por exemplo, sejam mais verossímeis a discursos que se formaram *a partir* da ideia de sertão do que empreendimentos ficcionais *sobre* o sertão que, de fato, concretizem uma proposta artística crítica de uma determinada realidade social.

Tendo isso em vista, é possível falar, todavia, de uma literatura que se proponha a estabelecer um diálogo entre o real e o ficcional, onde a abordagem desenvolvida seja enfática em extrair de um recorte da realidade elementos importantes dela. Dessa forma, encontraremos diversos títulos que, em algum grau, propõem a abordagem de um recorte temático, de forma a desenvolver uma produção que se considere criticamente, inclusive em sua ação e intenção enquanto produto cultural, ou seja, enquanto agente de significados na sociedade.

4 O sertão evocado em *Madona dos Páramos* (II)

A partir das discussões levantadas até aqui, é entendido que o sertão se estabeleceu historicamente como um conceito complexo, que denota para questões de diversas ordens. É interessante nos atentarmos ao assinalado por Vicentini:

> O argumento que discute a homogeneização das diferenças por ação do capitalismo na construção dos diferentes espaços e paisagens diz que, com a empresa de porte industrial no campo, a telefonia e a eletricidade rurais, os insumos básicos industriais, os meios de produção motorizados, ou seja, as apropriações que o sertão faz das cidades, e que transparecem em suas novas formas culturais que já se associam de fato à urbanidade, fica muito mais difícil saber onde fica o sertão. O que significa que ele vem perdendo cada vez mais espacialidade e materialidade concretas, que sua cultura vai se constituindo cada vez mais no âmbito daquilo que, antropologicamente, pode ser chamado de arquétipo cultural, e que suas realizações concretas vão se tornando, também, a cada dia, mais tradição ou vitrine, ou patrimônio cultural, que qualquer outra coisa (Vicentini, 2007, p. 193).

Considerando o que foi até aqui discutido, podemos entender como o sertão se transformou em uma coleção de discursos e imagens que o caracterizam em natureza simbólica, apresentável à dinâmica cultural, para dar conta de intenções discursivas que se referem a certas localidades do país. Esse entendimento, como afirmado por Vicentini, pode ser visto em termos literários:

> A literatura regionalista já havia atinado com isso: qual a materialidade espacial do sertão, se o sertão está em toda a parte?, pergunta G. Rosa. E responde: “o sertão é o homem”, e o que existe é “homem humano”, carregado de cultura e história, atravessando o espaço, o tempo, as emoções, as experiências. Isso, de novo, tem a ver com a história (Vicentini, 2007, p. 193).

Poderemos, então, entender como o romance de Ricardo Guilherme Dicke se encaixa dentro da discussão sobre a noção de “sertão” sendo desorientadora de aspectos geograficamente concretos. A obra de Dicke envereda para o que Vicentini assinala e exemplifica com Guimarães Rosa, sobre a perda de alguma materialidade espacial do sertão e

do registro dessa mutação na literatura brasileira. Como já visto anteriormente, o sertão apresentado em *Madona dos Páramos* é problematizado em termos espaciais, mas torna-se, ao longo do texto, um aspecto discursivo e simbólico. O termo, para além de uma significação geográfica, toma propriedades filosóficas e ainda poéticas. É evocado pelo narrador e por diferentes personagens, sendo assumido no texto como um motivo narrativo, que volta e meia surge.

Em termos mais rápidos de associação, podemos entender o romance de Dicke tomando lugar na literatura nacional, diante, por exemplo, do "sertão nordestino" (de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e outros) e do "sertão mineiro" (de Guimarães Rosa). Dicke apresentaria, então, o "sertão mato-grossense" que seria tanto um acréscimo à lista de títulos a lidarem com a noção de sertão, como seria também um trabalho posterior a uma vasta literatura, que, à época da publicação de *Madona dos Páramos,* já estava estabelecida como uma literatura de grande peso expressivo na cultura nacional.

É interessante, então, notar como há, possivelmente, uma consideração dessa literatura anterior, já que podemos verificar muitos motivos clássicos no romance de Dicke. Logo, há, no texto, uma elaboração descritiva constante, a dar conta de revelar, de diversas maneiras, esse sertão, a exemplo de:

(a) na relação dos personagens com a paisagem do sertão, que é ricamente, em termos de imagem, construída:

> Brasa de roda, roda que roda, o sol queima as esteiras do sertão. Sertão esbraseado, fogão de brasas. Pacatá do cavalo sem pressa no caminho de bicho mateiro, pacatá sem fim nas sapieiras, na força da adustão, e volta e meia a memória sobrestando, na remembrança cansada de ainda não acreditar que está fugindo, que está andando, o sol e as sombras, o chão, o cavalo, as lembranças (Dicke, 1982, p. 12).

> Silêncio, silêncio. Grilos e sombras entre as brisas. Os homens ouvem e enxotam os mosquitos, o sertão se faz polvinha e lhes arrepia as orelhas. O silêncio apalpa os homens neste couto, tocando-lhes os ombros, perguntando a cada um o seu esconso nome (Dicke, 1982, p. 172).

> Abochornamento das lixeiras que já dão lugar a combarus altaneiros e solitários, matos altos, os cansanções vão se rareando, os cupins negros e amarelados desaparecendo, metalizam o sertão as cigarras, a zona da mataria sem leis nem fronteiras vem chegando com o norte que se abisma para adiante, sentem-no as alimárias caminhando com ânimo diferente, que os que os montam sentem quando a marcha demora muito, debaixo da solação (Dicke, 1982, p. 99).

> Quando a morte plantar meu corpo no chão: nascerão muitos jatobazeiros e tamarindeiros, em floresta de árvores enormes, as maiores deste sertão. Meu corpo será distância dos horizontes, aroma de florestas na clara manhã dos dias e no escuro silêncio das noites se balançando, flutuação de bosques, húmus do céu (Dicke, 1982, p. 406).

(b) no realce de uma identidade do sertão; de usos e costumes ditos como sertanejos; de uma integração do sujeito em um orgulho relacionado ao espaço de vivência, ou seja, uma valoração do "ser sertanejo":

> — E seus capangas, agregados, gente boa como nós?
>
> — Devem ser algo bons, mas ladrões da cidade são diferentes duma vez, ladrão metido a elegante, a rico, com altas funções, em altas-rodas, não pode se equiparar conosco, ensinados no sertão (Dicke, 1982, p. 57).
>
> Este é nada mais que o menino Garci, benzido de Deus, dos nossos diz José Gomes, apresentando. As pontas dos dedos se unem, assim é o saúdo no sertão, e a Garci lhe parece estar segurando um ferro temperado de novo (Dicke, 1982, p. 41).
>
> Tem mesmo um esbranqueado de cruz desenhado no centro da testa, que nem urutupeba, o terror do sertão, lembrança de alguma peleja onde aflorou a morte. (Dicke, 1982, p. 41)
>
> O Pedro Peba sabe o que está acontecendo, não é, Pedro? Diga para eles, os idiotas pensam que estão em hotel. Perguntem ao Lopes. Pois saibam: o sertão é pior que o sertão, mas não deixa de ser melhor que tudo (Dicke, 1982, p. 92).

É importante ressaltar que Dicke não segue uma receita regionalista pronta, não se pauta em sua escrita na exploração apenas de uma "vitrine de signos" (Vicentini, 1998, p. 43), pois, na esteira – e provável influência especial – de Guimarães Rosa, suas personagens vivenciam um sertão onde a psicologia dos sujeitos dá significado à paisagem com a qual dialogam. Embora seja exibido como uma realidade espacial e social — pois, como vimos, o sertão é mostrado em termos de paisagem, usos e costumes — essa apresentação, no entanto, é feita criticamente, diante de uma atualidade na qual o livro se apresentou na época de sua escrita.

No romance de Dicke o sertão está acontecendo, é contínuo. O espaço dito sertanejo está imbuído nos processos sociais e culturais, nacionais e internacionais. O sertão de Dicke não está parado no tempo, não segue encabrestado a um desenho clássico, não segue uma tendência estereotipada, pois pelos argumentos da própria narrativa é possível notar como esse sertão está acontecendo no advento de uma contemporaneidade à época da escrita do texto:

> — Isto roubei lá na fazenda. [...] Os donos são pastores, ministros religiosos que vagueiam por aqui querendo ou fingindo catequizar e evangelizar os índios, ou fazendo coisas improváveis de que não se tem notícias. Gringos ricos com grandes permissões, e grandes monopólios, grandes direitos e grandes suseranias, que não têm o que fazer nas suas terras ou que têm interesses inconfessáveis muito fortes para aqui ficar isolados, vir meter-se aqui e fazer casas de tamanhos luxos nestas funduras onde nem os cupins querem arribar de boa gana, e eles aqui metidos até as orelhas nestas solidões. Dizem que são gente que manda para seus países os tais minérios preciosos às escondidas. Minérios e outras coisas mais, tudo o que podem (Dicke, 1982, p. 298).
>
> Boiadas, diamantes, carros, mulheres, marijuana, tudo entra por aqui, até o portão da fazenda Boa Vista, vindo da Bolívia e do Peru, por aí afora… Tirante os garimpos, os seringais que o coronel tem… Aqui são os limites, para a frente já não há moradores, nem habitantes conhecidos, nem nada (Dicke, 1982, p. 57).
>
> A voz tem algo de fanhoso, adquirido nestes dias, Chico Inglaterra cheira a melões maduros que apodrecem ao sol, Chico apodrece ao sol, tem a secreta e desconada certeza. A mão de escamas brancas se estende oferecendo-lhe a latinha, onde se desenha um brasão britânico, importação de fumo do Reino Unido, que veio parar no sertão. Garci hesita, mas depois, movido por uma aquiescência inexplicável, talvez somente para lhe satisfazer, tira uma pitada e encaixa-a nas narinas (Dicke, 1982, p. 60).

No entanto, a ideia de sertão, no texto, vai sempre se estabelecer em uma ambivalência sobre seu real significado, uma vez que, como é perceptível nos trechos assinalados anteriormente, o sertão, a ideia em si, aparece como uma noção que aponta para um espaço: um "sertão mato-grossense"; mas um espaço que se questiona em seu conceito: o que é/onde é "o" sertão?

Assim, se refletirmos sobre como o sertão tem sido, a partir de certo ponto, tomado constantemente como ideia de ordem arquetípica na cultura brasileira, lembrando do assinalado por Vicentini, obteremos uma possível leitura sobre o sertão na obra em questão. O romance de Dicke, nessa perspectiva, não define o sertão, segue uma outra lógica, pois evoca a noção de sertão para, assim, tentar compreender o que é o sertão mato-grossense, mais especificamente. No texto do romance, o sertão é retomado como uma ideia que está na realidade fictícia dos personagens quase como um conceito abstrato: uma ideia, que vai sendo preenchida narrativamente, aos personagens e ao leitor, a partir de um jogo de associações de significados, onde o termo "sertão" aponta para o velho e o para o novo.

Evocado constantemente, uma definição categórica de "sertão", ou mesmo a delimitação espacial dessa noção, se perde em tentativas múltiplas. Assim, acaba por tomar

ainda outros sentidos, outros usos, nos quais a palavra "sertão" aparece à disposição da vontade de expressão de quem a enuncia:

> A lua sonâmbula dormindo em amplos gritos, os grandes olhos abertos reuídos num redondo e enorme olho só, parada, vesga, sonhando que dava saltos, consumindo distâncias, dançarina lasciva de ouro e prata e o sertão dos altos sonhos todo se acalentava e se acumulava devagar em percussão secreta (Dicke, 1982, p. 135).

> Se estão no tuaiá dos baixos é porque estão perto, seguramente… Perto nada, o tuaiá vai até o Amazonas, Xingu, Acre, Tocantins, Goiás, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, essas partes gerais, para lá do sertão mais embibocado, onde a alma vira sertão e Tordesilhas vira o Sem-Fim… (Dicke, 1982, p. 84).

> Onde os achareis, aos doze cavaleiros, os joões-sem-terra em fuga no pendencioso jogo de xadrez do sertão? Sangue, sangue circula nas trevas das pálpebras inferiores, onde se fecham os olhos e só se acham sombras? Onde é o maior sertão? Além, sempre além de onde vige o coração (Dicke, 1982, p. 239).

Podemos observar, nos trechos acima, como a noção de sertão se desenvolve inclusive em elaborações poéticas, onde acaba por ser proposta uma espécie de brincadeira significativa acerca dos sentidos evocáveis pela palavra "sertão" e seu significado para os personagens. Se "a alma vira sertão", se o sertão está "onde vige o coração", como é possível compreender o sertão em aspectos factuais, em definições que realizem uma compreensão completa do termo, da ideia, do conceito? Junto aos outros sentidos aqui já mostrados, percebemos, pois, como no romance o sertão é evocado no que podemos compreender como uma indagação de diversas ordens: geográfica, histórica, filosófica e poética.

5 Considerações finais

O sertão, em *Madona dos Páramos*, portanto, não é tomado apenas como algum espaço geográfico delimitado, uma localidade a qual se chega; nem mesmo é apenas uma ideia, um conceito munido de considerações. É, para além desses fatores, uma noção maior, mais ampla: o termo aflora de nossa história cultural, em que o "sertão" significa a própria procura pelo sertão, e que pode ser compreendido ora como uma pergunta, ora como uma resposta sobre o que é — e sobre quem é — algum Brasil.

Como afirma um dos personagens de Dicke, em seu romance: "O Sertão é só do Sertão e de ninguém mais" (1982, p. 222). A ideia de um sertão — com "s" maiúsculo, vale notar — dono de si, aponta para uma noção de suficiência própria da ideia de sertão. Um sertão tornado maior que a geografia, configurado com mais vigor pela força da declaração da palavra, que é

um apontar para tudo que se convencionou a pensar, dizer e ser em relação a essa noção. Uma ideia, enfim, que se multiplica em diferentes abordagens significativas para refletir sobre nós mesmos, para avivar a vontade de expressar e de compreender a complexa realidade da história de um povo, de um país.

Referências

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed. FGV, V. 8, n. 15, 1995, p. 145·151.

DICKE, Ricardo Guilherme. **Madona dos Páramos**. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil**: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM, 1999.

MACHADO SILVA, Bruno Goulart. Os moderninhos do sertão: A traição da tradição e o culto à modernidade. **Revista de Estudos em Relações Interétnicas | Interethnica**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2014. DOI: 10.26512/interethnica.v14i1.15349. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/interethnica/article/view/15349. Acesso em: 15 ago. 2024.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. O sertão: um "outro" geográfico. **TERRA BRASILIS – Revista de história de pensamento geográfico no Brasil**. Anos III-IV, n. 4-5, Território, 2002-2003, Rio de Janeiro.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. E-book.

VICENTINI, Albertina. O Sertão e a Literatura. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 41-54, jan./jun. 1998.

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 187-196, jul./dez. 2007.